

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
O CASO DA LATERAL PALATAL /λ/ EM DUAS COMUNIDADES DE FALA****LINGUISTIC VARIATION:
THE CASE OF THE PALATE LATERAL /λ/ IN TWO SPEECH COMMUNITIES**Josenildo Barbosa FREIRE¹

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o uso sociolinguístico do fonema lateral palatal /λ/, como em: /λ/ ~ [l, j, Ø], em duas comunidades de fala. As contribuições teórico-metodológicas que fundamentam a descrição e a análise provêm da Sociolinguística (LABOV, 1963, 1966, 2008[1972]) e da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]). O *corpus* está igual e socialmente estratificado por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. 24 informantes participaram da pesquisa, sendo 12 falantes paraibanos e 12 norte-riograndenses, oriundos da zona urbana e residentes das respectivas comunidades de fala pesquisadas, as quais estão localizadas em contextos limítrofes territorialmente: Jacaraú e Nova Cruz. Acerca da coleta de dados, foi utilizada a entrevista sociolinguística, que é a forma padrão de coleta de dados da abordagem linguística aqui assumida. As ocorrências encontradas foram submetidas ao pacote de programas estatísticos Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Os primeiros resultados indicam que há um processo de variação sociolinguística nas duas variedades pesquisadas, condicionado por fatores de ordem linguística e social, tais como os contextos fonológicos (precedente e seguinte), faixa etária e nível de escolaridade dos falantes. Assim, concluímos que a variação linguística é, por um lado, um fato social, e por outro, uma forma de identificação sociolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Comunidade de fala. Lateral.

ABSTRACT: This work analyzes the sociolinguistic use of the palatal lateral phoneme /λ/, as in: /λ/ ~ [l, j, Ø], in two speech communities. The theoretical-methodological contributions that underlie the description and analysis come from Labovian-inspired Sociolinguistics (LABOV, 1963, 1966, 2008 [1972]) and from the Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]). Therefore, the *corpus* is equally and socially stratified by sexual gender, age group and education level, and with 24 informants, 12 speakers from Paraíba and 12 from the state of Rio Grande do Norte, residents and from urban areas the researched speech communities. The data collection technique was the sociolinguistic interview, which is the standard form of data collection in the linguistic approach adopted here. The two speech communities under study are located in territorially bordering contexts: Jacaraú and Nova Cruz. The occurrences found were submitted to the statistical program package Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). The first results indicate that there is a process of sociolinguistic variation in the two varieties surveyed, conditioned both by linguistic and social factors, such as phonological contexts (preceding and following), age group and the speakers' level of education. Thus, we conclude that linguistic variation is, on the one hand, a social fact, and on the other hand, it is a form of sociolinguistic identification.

KEYWORDS: Variation. Speech community. Palate lateral.

1. Doutor em Linguística pela UFPB. Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC-RN). E-mail: josenildo.bfreire@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3637-471X>.

Introdução

A variação linguística é um fenômeno altamente complexo. Contudo, com os pioneiros trabalhos sociolinguísticos de Labov (1963, 1966, 2008[1972]), passou-se a compreender melhor que os usos linguísticos estão condicionados por restrições de ordens internas (estruturais) e externas (sociais) simultaneamente. Esse processo da linguagem humana resulta em formas alternativas que o sistema linguístico licencia para que os falantes adequem esse sistema às suas necessidades expressivas e comunicativas. Na perspectiva laboviana, esse processo é chamado de regras variáveis.

Neste sentido, procuramos, neste trabalho, descrever e analisar como ocorre o processo de variação linguística envolvendo o segmento lateral palatal /λ/ em duas comunidades de fala, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1963, 1966, 2008[1972]). As duas comunidades de fala são limítrofes territorialmente. Uma delas está localizada no interior da Paraíba; a outra, no interior do Rio Grande do Norte. Constituem exemplos do fenômeno sociolinguístico que será investigado as realizações de /λ/ ~ [λ, l, j, Ø], como em *te/λ/ado* ~ *te[λ]ado*, *mu/λ/er* ~ *mu[l]er*, *pa/λ/aço* ~ *pa[j]aço* e *fi/λ/o* ~ *fi[Ø]o*.

Para alcançar esse objetivo, na primeira seção, apresentamos o objeto de análise à luz de pesquisas linguísticas já realizadas; na segunda, descrevemos introdutoriamente alguns aspectos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1963, 1966, 2008[1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]) que fundamentam o trabalho; na terceira parte, apresentamos o *corpus* e a metodologia; em seguida, descrevemos e analisamos os resultados encontrados e, finalmente, registramos as considerações finais.

A próxima seção está reservada para a apresentação dos aspectos relacionados ao objeto de estudo.

Objeto de estudo

O segmento lateral palatal /λ/ é um dos 19 fonemas constitutivos do sistema consonantal do português e está inserido no rol dos sons adquiridos tardiamente pelas crianças.

O surgimento desse segmento fonológico é o resultado de um metaplasmo por transformação denominado de palatalização (CARVALHO; NASCIMENTO, 1971).

Esse processo fonológico consiste na “[...] transformação de um ou mais fonemas em uma palatal²” (CARVALHO; NASCIMENTO, 1971, p. 40-41) e múltiplos são os trabalhos que compartilham dessa mesma proposição teórica (WILLIAMS, 1973; TEYSSIER, 2007 [1980]; ILARI, 2008; SILVA, 2013). Segundo Carvalho e Nascimento (1971), a configuração desse pro-

2. Segundo Cagliari (2002, p. 102-103), “Um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada [...] ou um deslocamento articulatório em direção ao lugar de articulação palatal [...]”.

cesso diacrônico pode ser ilustrada com os seguintes exemplos: (i) l (e, i) + vogal > “lh”: *palea* > *palha*; *folia* > *folha*; *juliu* > *julho* e (ii) cl, pl, gl > “lh”: *oculu* > *oclo* > *olho*; *apícula* > *apecla* > *abelha*; *seopulu* > *ecoplo* > *escolho*; *tegula* > *tegla* > *telha*.

A partir da perspectiva da fonologia autosegmental, o segmento lateral palatal /λ/ constitui uma consoante geminada fonologicamente (CLEMENTS, 1991; CLEMENTS; HUME, 1995). Isso significa dizer que esse segmento fonológico apresenta duas unidades de tempo que se vinculam à raiz do referido segmento. Além disso, na abordagem adotada por Wetzels (2000), o segmento lateral palatal /λ/ apresenta um traço fonológico que expressa uma articulação maior [nó ponto de articulação de consoante] e uma articulação menor [nó vocálico].

Diversos estudos têm analisado não apenas os fatores linguísticos envolvidos na variação do segmento lateral palatal /λ/, mas também as restrições sociais que condicionam o uso desse segmento no português do Brasil (doravante PB). Castro (2006), Brandão (2007), Aragão (2008), Freire (2013), dentre outros, evidenciam que os usos do segmento fonológico em discussão são condicionados por diferentes variáveis sociais (tais como o sexo do falante, a idade, o nível de escolaridade, o local de origem etc.), como também por restrições de natureza linguística (como classe de palavra, tonicidade, quantidade de sílabas, contextos fonológicos seguinte e precedente, dentre outras).

Assim, o conhecimento dos vários aspectos diacrônicos, fonológicos e sociolinguísticos envolvendo a realização do segmento lateral palatal /λ/ permite compreender seus usos variáveis nas duas comunidades de fala pesquisadas neste trabalho.

Na seção seguinte, apresentamos a fundamentação teórica que ancora esta pesquisa.

Fundamentação teórica

A busca pela noção de língua como um fato social nos leva a escavações arqueológicas diversas. Essa conceituação deve conduzir nosso estudo como um fio condutor, pois a introdução do elemento social como meio de explicação dos usos da língua é nuclear na abordagem variacionista das pesquisas na área da Linguística.

O conceito de língua como objeto social passa necessariamente por ângulos de diferentes estudos linguísticos. Desde os trabalhos de Labov (2008[1972]), Whitney (2010), Saussure (2006 [1916]), Meillet (2020), por exemplo, há uma certa preocupação com a língua como instituição/fato social. Todavia, por outro lado, há a necessidade de compreender que a língua não é só uma estrutura ou um elemento abstrato, mas uma forma ou um sistema de identificação social. Assim, as pesquisas de Whitney (2010), Meillet (2020), dentre outros, lançam o germe do pensamento variacionista que desemboca na assunção de que a variação linguística é uma propriedade intrínseca às línguas naturais.

Esse pressuposto é assumido por Labov (1963, 1966, 2008[1972]). As pesquisas variacionistas de cunho laboviano ganharam maior repercussão a partir dos trabalhos pioneiros de Labov em duas comunidades de fala: na ilha de Martha's Vineyard, ao estudar o processo de monotongação dos ditongos /ay/ e /aw/, demonstrando que a centralização destes ditongos tem uma motivação social; e em Nova York, ao pesquisar a estratificação social de /r/ nas lojas de departamentos dessa cidade (LABOV, 1963, 1966, 2008[1972]).

A grande contribuição de Labov está em defender que o componente social constitui fator central para a explicação da existência de fenômenos sociolinguísticos – variação e mudança linguísticas – em qualquer comunidade fala. As categorias sociais como sexo, idade, nível de escolaridade, local de origem, atitude positiva ou negativa, dentre outras, são restrições sociais que condicionam o modo de falar de uma comunidade de fala.

Campoy e Almeida (2005) destacam que a abordagem variacionista está inserida no marco filosófico-cultural (paradigma funcional) pertencente ao modelo hegeliano em oposição ao modelo cartesiano. Para os autores, essa concepção justifica-se porque a abordagem laboviana articula, ao mesmo tempo, forma e função e admite a natureza predominantemente social da mente.

Berutto (1975), Campoy e Almeida (2005), Wardhaugh (2010), dentre outros, admitem que a perspectiva de estudos variacionistas se ocupa centralmente das relações existentes entre a linguagem e a sociedade, de modo que o vínculo entre ambas não é mero recurso metodológico, mas tem valor de uma verdadeira epistemologia para esse campo de investigação sociodialetoal.

O surgimento da Sociolinguística Variacionista está ligado a diversos acontecimentos e movimentos teóricos que se impuseram como respostas às necessidades de se compreender o aspecto e a dimensão social da língua. Campoy e Almeida (2005) enumeram algumas causas que possibilitaram o aparecimento da Teoria da Variação e da Mudança Linguística como área de estudo da língua em seu contexto social. Assim, para os autores, ocorreram a ruptura epistemológica das teses kuhnianas apoiada pela revolução científica e pela adoção de um novo paradigma; as crises de concepções historicistas e o surgimento do neopositivismo; e a redefinição da Dialetoologia Tradicional.

Dentro de novo contexto social, ocorreu o aparecimento de novos estratos sociais que condicionaram o uso linguístico e abriu-se o espaço, especificamente, na Linguística, para a pesquisa de campo, possibilitando o estudo da língua falada em diferentes comunidades de fala sob o viés da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Bortoni-Ricardo (1996) aponta que o desenvolvimento e a expansão dos estudos sociolinguísticos, sejam nas vertentes variacionista, etnográfica ou interacional, se apoiaram em pressupostos testados empiricamente em diferentes investigações, alicerçadas em três premissas centrais que possibilitaram o surgimento da Teoria da Variação e da Mudança Linguística como macroárea interdisciplinar no interior das teorizações da Linguística: a evolução do

conceito de relativismo cultural, a heterogeneidade linguística inerente e a forma e a função linguística em relação dialética.

Longo foi o percurso realizado pelos estudos linguísticos que possibilitou o florescimento e a consolidação da concepção de língua como realidade eminentemente social. Na primeira metade do século XIX, predominou os estudos realizados sob a égide da Linguística Histórica; já na década de 1970, resplandeceu a abordagem neogramática de análise linguística; por volta do início do século XX, a perspectiva estruturalista (SAUSSURE, 2006 [1916]) repercutiu fortemente sobre as pesquisas nas áreas das Ciências Humanas; e ainda na década de 50 desse século, o ideário do modelo gerativista (CHOMSKY, 1965), que ganhou espaço sem precedentes na teoria linguística.

Com os estudos labovianos, entendemos que ocorreu um salto de qualidade envolvendo a noção de língua, que passa a ser vista como “[...] uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008 [1972], p. 215). Assim, os estudos linguísticos saíram de uma circunscrição de análise imanentista, ou uma competência internalizada, ou da visão neogramática e comparativista para ser estudada em contextos reais de usos sociolinguísticos. Desse modo, Labov saiu da Linguística “a-social” e propôs a Linguística Social (Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou apenas Sociolinguística), uma vez que a nova concepção de língua implica, necessariamente, em um tipo de Linguística.

Esse salto reside no fato de os estudos sociolinguísticos e do próprio Labov, em particular, apontarem que “a língua não se ‘localiza’ na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes” (MENDES, 2013, p. 113). Labov consegue superar o longo caminho central da teoria linguística invariável ao propor um modelo capaz de explicar as diferenças dos elementos não universais e a variação linguística nas línguas naturais.

Bright (1974 *apud* ALKMIM, 2001) afirma que a tarefa proposta para a Sociolinguística é exibir a covariação sistemática que ocorre nas variedades linguísticas e sociais. Assim, entende-se que essa definição, no interior da Linguística só pode ser vislumbrada ao se estudar a língua em seu contexto social: situações concretas de língua falada por sujeitos reais que interagem intencionalmente por meio de uma variedade linguística.

A fala das duas comunidades aqui pesquisadas, ao constituir o nosso objeto de descrição e de análise, especificamente, nas realizações sociolinguísticas de /ʎ/ ~ [ʎ, l, j, Ø], permite que vejamos a relação existente entre língua e sociedade como bem estabelece a Sociolinguística.

A seguir, apresentamos o desenho metodológico deste trabalho.

Metodologia

Nossa pesquisa seguiu o procedimento padrão de coleta de dados utilizado pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Portanto, fizemos o uso da entrevista sociolinguística como técnica de investigação sociodialetal.

A metodologia deste trabalho adotou a perspectiva quantitativa de abordagem dos dados coletados (CEDERGREN; SANKOFF, 1974; BRESCANCINI, 2002; TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007). Assim, apoiamos-nos nesse modelo teórico-metodológico, baseado em dados estatísticos e probabilísticos para dar suporte ao conceito de regra variável, possibilitando a observação de frequências e de probabilidades para auxiliar na explicação do fenômeno variável em tela.

Os *corpora* são constituídos por 24 (vinte e quatro) informantes, sendo 12 (doze) pertencentes ao dialeto paraibano, oriundos da cidade de Jacaraú, e os outros 12 (doze) ao dialeto norte-riograndense, provenientes da cidade de Nova Cruz e estão social e igualmente estratificados por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Todos os informantes desta pesquisa são moradores da zona urbana dessas duas cidades investigadas.

Os dados foram coletados no período de 2013-2014 pelo autor deste trabalho. E eles pertencem ao arquivo particular do autor deste trabalho.

Neste trabalho foram controladas as seguintes variáveis independentes:

- a) Sociais: Sexo (masculino; feminino); faixa etária: (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; mais de 50 anos) e nível de escolaridade (analfabetos; 1 a 8 anos; mais de 8 anos);
- b) Estruturais: Contexto fonológico seguinte (vogais labial, coronal e dorsal); contexto fonológico antecedente (vogais labial, coronal e dorsal); número de sílabas do vocábulo (dissílabos, trissílabos e polissílabos); segmento em sílaba (átona; tônica) e tipo de vocábulo (nomes; verbo).

Tomamos como valor de aplicação da regra variável em estudo o valor de peso relativo acima de 0.50, ao mesmo tempo em que o valor inferior a esse índice corresponde à não aplicação. O valor neutro será 0.50.

Na próxima seção, serão descritos e analisados os dados.

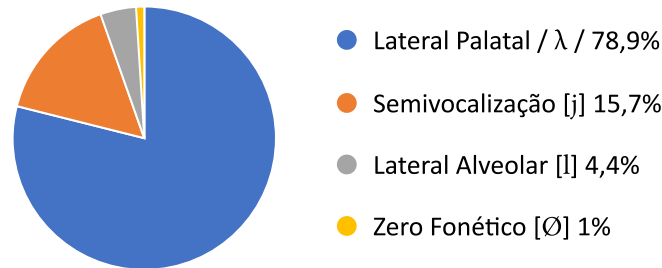
Descrição e análise dos resultados

Após a submissão dos dados ao programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), encontramos 204 (duzentas e quatro) ocorrências das variantes do fonema /λ/ no dialeto paraibano e 165 (cento e sessenta e cinco) no dialeto norte-riograndense, assim distribuídas:

- a) Na variedade paraibana: 161 ocorrências da variante [λ] (78,9%); 9 ocorrências da variante [l], (4,4%); 32 ocorrências da variante [j] (15,7%); e 4 ocorrências da variante [Ø] (1%).
- b) Na variedade norte-riograndense: 152 ocorrências da variante [λ] (92,1%); 8 ocorrências da variante [j] (4,8%); 5 ocorrências da variante [l] (3,1%).

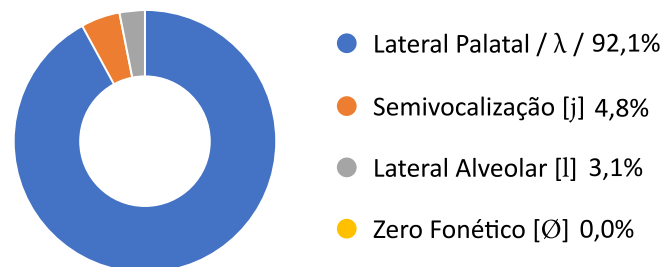
Para melhor visualização desta distribuição, apresentamos os gráficos 1 e 2 a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição total das variantes linguísticas do /l/ no dialeto paraibano



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 – Distribuição total das variantes linguísticas do /l/ no dialeto norte-riograndense



Fonte: Elaboração própria.

Os primeiros resultados indicam, por um lado, que nas duas comunidades de fala pesquisadas há um nítido processo de variação linguística envolvendo o segmento lateral palatal /λ/; por outro, que a variante mais frequente nessas duas variedades linguísticas é a forma [λ], como em traba/λ/o ~ traba[λ]o, sendo que na variedade paraibana o percentual é de 78,9% e na variedade norte-riograndense é de 92,1%.

Esses achados estão em sintonia com o que a literatura sociolinguística vem encontrando em outras investigações sociodialetais (CASTRO, 2006; ARAGÃO, 2008; FREIRE, 2013; dentre outros), ou seja, que o processo de variação linguística é um fato empírico das línguas e que a variante não marcada, ou considerada padrão, é a forma mais frequente nos dados coletados e examinados.

Os índices exibidos nos gráficos 1 e 2 ainda revelam que, na variedade paraibana, o uso da variante do segmento lateral palatal [λ] é seguido matematicamente pelo uso da forma semivocalizada, com 15,7%, como em pa[λ]a ~ pa[j]a; depois pela variante alveolar, com 4,4%, como em realizações de mu/λ/er ~ mu[l]er ou o/λ/e ~ o[l]e; e, por fim, pela forma linguística apagada, com percentual de 1%, como em fi[λ]o ~ fi[Ø]o.

Já na variedade norte-riograndense, a variante [λ] é seguida, também, da forma linguística semivocalizada [j], com percentual de 4,8% e pela realização da variante alveolar [l], com taxa de 3,1%. Não encontramos a realização da variante zero fonético [Ø] na amostra potiguar.

Assim, os dados encontrados apontam para a existência de um quadro sociolinguístico com relação ao uso do segmento lateral palatal [λ] nas duas comunidades de fala. Esse fato torna-se muito interessante, pois está de acordo com o que propõe a Teoria da Variação e Mudança Linguística. A existência de quadros sociolinguísticos quanto a usos sociais da língua é vetor de estudos e pesquisas sociodialetais.

Nas próximas duas subseções, exporemos os resultados relacionados às variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) como condicionadoras da regra variável em estudo. Sendo assim, apresentaremos somente as variáveis selecionadas pelo programa e na mesma ordem que foi estabelecida por ele.

Resultados do dialeto paraibano

Os fatores selecionados pelo Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) como condicionadores para aplicação da regra em discussão, no dialeto paraibano, por ordem de relevância são: a) Sexo; b) Nível de escolaridade; c) Contexto fonológico seguinte.

Tabela 1 – Efeito da variável sexo sobre a variação da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Feminino	81/90 = 90%	0.71
Masculino	80/114 = 70,2%	0.32
Total	161/204 = 78,9%	

Input 0.88/ Significância: 0.198

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 1 apresenta os resultados referentes à variável sexo no falar paraibano em relação ao uso do segmento lateral palatal /λ/. Os dados obtidos indicam que, nessa comunidade de fala, probabilisticamente, os informantes do sexo feminino realizam mais a variante [λ] do que os falantes do sexo masculino. Esse achado pode ser confirmado pelos índices qualitativos e com o peso relativo de 0.71 que expressam a preferência da permanência do segmento lateral palatal /λ/ na fala feminina.

Assim, assumimos que a diferença nuclear entre a fala de homens e de mulheres são de base social e não biológica, tal qual estabelece a literatura pertinente da área. Esse quadro, por sua vez, nos permite admitir a existência de configurações sociolinguísticas diferentes entre a fala de homens e mulheres condicionadas pelo sexo desses falantes. Tais resultados são ainda corroborados pelos estudos de Aragão (2008) e Freire (2013), por exemplo, que também verificaram a preferência pela permanência da variante [λ] na fala dos informantes do sexo feminino.

Outra variável social que reforça a importância do condicionamento sociolinguístico sobre o uso do segmento lateral palatal /λ/ é a variável nível de escolaridade, como exhibe a tabela 2.

Tabela 2 – Efeito da variável anos de escolarização sobre o uso variável da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
+ de 8 anos de escolaridade	46/47 = 97,9%	0.88
1 a 8 anos de escolaridade	85/100 = 85%	0.52
Analfabetos	30/57 = 52,6%	0.14
Total	161/204 = 78%	

Input 0.88/Significância: 0.198
Fonte: Elaboração própria.

A tabela 2 exibe os resultados encontrados sobre o uso do segmento lateral palatal /λ/ em relação à variável anos de escolarização dos informantes no dialeto paraibano. Os índices indicam que a forma não marcada fonológica é favorecida matematicamente na fala dos informantes com maior nível de escolaridade, com peso relativo de 0.88 como indicador da aplicação da regra variável em discussão e, ligeiramente, também, favorecendo os informantes que estão no fator de 1 a 8 anos de escolaridade em detrimento dos informantes analfabetos.

Os resultados permitem até traçarmos uma escala gradacional, colocando no topo dela os informantes de maior escolaridade; seguidos, no ponto do meio, pelos falantes que tenham de 1 a 8 anos de escolaridade; e, no outro ponto extremo, estariam os falantes sem instrução.

Assumimos que esses resultados podem estar atrelados ao nível de consciência sociolinguística que os falantes têm em relação aos usos do segmento lateral palatal /λ/, uma vez que suas variantes [l, j, Ø] são portadoras de sanção, desconforto social e preconceito linguístico. Além disso, esses achados indicam que a escola serve de gatilho no controle dos processos de variação linguística. Um exemplo são os resultados de Freire (2013), que comprova que os informantes com maior nível de escolaridade são os que também mais realizam a forma [λ] em oposição aos informantes sem instrução que mais produzem as formas vocalizadas ou apagadas de [λ].

Além das variáveis sociais condicionarem o uso do segmento lateral palatal /λ/, a variável contexto fonológico seguinte também foi selecionada como favorecedora da aplicação da regra variável em estudo, como atesta a tabela 3.

Tabela 3 – Efeito da variável contexto fonológico seguinte sobre o uso variável da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Vogal coronal	13/23 = 56,5%	0.88
Vogal labial	96/109 = 88,1%	0.73
Vogal dorsal	52/72 = 72,2%	0.52
Total	161/204 = 78%	

Input 0.88/Significância: 0.198.
Fonte: Elaboração própria.

A tabela 3 apresenta os resultados relacionados aos usos do segmento lateral palatal /λ/ de acordo com o contexto fonológico seguinte. Os índices obtidos indicam que ocorre a preferência pela permanência do segmento lateral palatal /λ/ quando no contexto seguinte a ele vem,

prioritariamente, um segmento vocálico coronal. O peso relativo favorecedor de 0.88 indica essa realidade; ou, ainda, quando o segmento vocálico é labial, com peso relativo de 0.73 indicando essa preferência.

Esses achados nos permitem propor, também, uma escala gradacional que indicaria a preferência do uso do segmento lateral palatal /λ/, no falar paraibano, em relação ao contexto linguístico que segue esse segmento: vogais coronais → vogais labiais → vogal dorsal. Esse resultado pode estar atrelado aos efeitos do OCP³, visto que quando há coronal, se houver vocalizações, tem-se contextos semelhantes adjacentes, de modo que o OCP pode intervir para evitar essas estruturas. Assim, seguindo essa escala, o segmento lateral palatal /λ/ é favorecido matematicamente nas seguintes realizações: mu[λ]er, mi[λ]o, pa[λ]a. É possível observar que tais resultados podem ter implicação para estudos futuros no âmbito do ensino de língua materna, visto que podem orientar os contextos favorecedores ou não do uso do segmento lateral palatal /λ/.

Passemos à descrição e análise dos resultados encontrados no falar norte-riograndense.

Resultados do dialeto norte-riograndense

Os fatores selecionados pelo Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) como condicionadores para aplicação da regra, no dialeto norte-riograndense, por ordem de relevância, são: a) Faixa etária e b) Contexto fonológico precedente.

Tabela 4: Efeito da variável faixa etária sobre a variação da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
26 a 49 anos	48/49 = 98%	0.80
+ de 49 anos	63/66 = 95%	0.54
15 a 25 anos	41/50 = 82%	0.16
Total	152/165 = 92%	

Input 0.97/Significância: 0.008

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 4 exhibe os resultados encontrados no falar norte-riograndense em relação ao uso do segmento lateral palatal /λ/ de acordo com a faixa etária dos informantes. Os índices apontam que a preferência da permanência do segmento fonológico em discussão se dá entre os falantes de 26-49 anos, com peso relativo de 0.80 e, ligeiramente, nos falantes com + de 49 anos, com peso relativo de 0.54 em detrimento dos informantes mais jovens, que exibem peso relativo desfavorecedor da aplicação da regra variável em tela, apesar que qualitativamente obteve-se um percentual elevado.

3. **Princípio do Contorno Obrigatório** (*Obligatory Contour Principle* – OCP, McCARTHY, 1986): de acordo com esse princípio, é proibida a existência de elementos com adjacência idêntica.

Esses achados expõem um verdadeiro quadro sociolinguístico em torno dos usos sociais do segmento lateral palatal /λ/, indicam a força que a variável idade do falante exerce sobre o referido segmento da nossa língua. Esse condicionamento social pode estar vinculado a muitos fatores, como por exemplo, aos efeitos das exigências do mercado de trabalho pela preferênca do uso de /λ/ em oposio às variantes [l, j, Ø], como ainda pelo acesso à Educao Básica, que permite o contato com as formas cannicas da língua.

Assim como ocorreu na variedade paraibana, no falar norte-riograndense, o uso do segmento lateral palatal /λ/ também está condicionado por restrio linguística, como veremos na tabela 5.

Tabela 5 – Efeito da variável contexto fonológico precedente sobre o uso variável da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicao/Total = Frequênca	Peso Relativo
Vogal coronal	98/100 = 98%	0.71
Vogal dorsal	48/52 = 92%	0.30
Vogal labial	6/7 = 46%	0.02
Total	152/165 = 92%	

Input 0.97/Significância: 0.008

Fonte: Elaborao própria.

A tabela 5 mostra os resultados encontrados em relao à variável contexto fonológico precedente no falar potiguar. Os identificadores apontam que a permanênca do segmento lateral palatal /λ/ é favorecida quando, anterior a esse segmento, vem um segmento vocálico que porte o traço [coronal]. O índice de peso relativo de 0.71 indica majoritariamente que é esse o contexto linguístico favorecedor de aplicao da regra variável em estudo, em oposio aos contextos linguísticos com vogais labiais e dorsal.

Assim, de acordo com os resultados da tabela 5, na variedade linguística em tela, as realizaes do segmento lateral palatal /λ/, como em i[λ]a, i[λ]ota, joe[λ]o, uma vez que esse segmento é antecedido por segmentos vocálicos coronais, favorecem a sua preservao na fala. Novamente, entendemos que pode ocorrer sobre essas formas linguísticas efeitos do OCP.

A seguir apresentamos um quadro comparativo dos fatores que foram selecionados em cada variável como condicionadores da regra variável em estudo nas duas comunidades de fala.

Quadro 1 – Quadro comparativo dos fatores selecionados

Variedades linguísticas			
	Fatores condicionadores		Fatores condicionadores
Paraibana	<ul style="list-style-type: none"> • Sexo: Feminino • Nível de escolaridade: + de 8 anos • Contexto fonológico seguinte: Vogais coronais e labiais. 	Norte-rio-grandense	<ul style="list-style-type: none"> • Faixa etária: 26 a 9 anos • Contexto fonológico precedente: Vogais coronais.

Fonte: Elaborao própria.

Esse quadro resume o que foi descrito e analisado anteriormente quanto ao uso do segmento lateral palatal /λ/ nas duas comunidades de fala investigadas, e exhibe que o processo de variação linguística em torno desse segmento é condicionado por restrições sociais e linguísticas simultaneamente.

Na seção seguinte, apontamos as considerações finais.

Considerações finais

Neste trabalho, descrevemos e analisamos, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, o uso do segmento lateral palatal /λ/ em duas comunidades de fala. Os resultados encontrados indicam a existência de um processo variável em ambas comunidades, tratando-se, desse modo, de um fenômeno sociolinguístico condicionado tanto por restrições sociais quanto por fatores linguísticos.

No falar paraibano, a variação envolvendo o uso do segmento lateral palatal /λ/ está condicionado pelo sexo, nível de escolaridade dos falantes e contexto fonológico seguinte; na variedade norte-riograndense, o fenômeno em discussão está correlacionado com a faixa etária dos falantes e com o contexto fonológico precedente ao segmento em estudo, tal como expusemos no quadro 1.

A partir dos índices produzidos pelo Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), e em sintonia com o que aponta a literatura sociolinguística, pudemos verificar, por um lado, a existência da variação linguística como um fato da língua e, por outro, a pertinência da noção de língua como fato social. Esse conceito deve orientar a investigação linguística que visa compreender os usos da língua conforme seu contexto de uso.

Assim, a partir dos resultados efetivamente coletados se conclui que há um processo de variação linguística nessas comunidades de fala e, que, portanto, demanda empreitadas em torno da descrição e da análise de fenômenos sociolinguísticos como o investigado em tela.

Entendemos que tanto a sociedade quanto os agentes públicos dos sistemas regulares de ensino precisam encarar essa dimensão da língua a partir das configurações sociolinguísticas diversas que existem em torno das comunidades de fala. Um caminho possível é o de entender a língua como um fato social, tal como os resultados das duas comunidades investigadas revelam neste estudo.

Por fim, reafirmamos que o sistema linguístico é sensível às pressões sociais, visto que os resultados obtidos nesta pesquisa ilustram esse fato. Os dados da variação do segmento lateral palatal /λ/ nas duas comunidades de fala investigadas exibem essa realidade do PB falado no Brasil.

Referências

- ARAGÃO, M. do S. S. de. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Estudos Geolinguísticos e Dialetais Sobre o Português: Brasil/Portugal*. Campo Grande: UFMS, 2008. p. 181-200.
- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 1.2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BERUTTO, G. *La Sociolinguística*. Inserir nome da cidade de publicação: Editorial Nueva Imagem, 1975.
- BORTONI-RICARDO, S. M. O debate sobre a aplicação da Sociolinguística à Educação. In: BRANDÃO, S.; INDIANI, M. T. (Orgs.). *Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da Sociolinguística*. Anais do Simpósio do GT de Sociolinguística da ANPOLL, p. 17-30, 1996.
- BRANDÃO, S. F. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, setembro de 2007.
- BRESCANCINI, C. *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica: colegial e vestibulares*. 7 ed. Editora Ática: 1971.
- CASTRO, V. S.ª. *A resistência de traços do dialeto caipira: um estudo com base em Atlas linguísticos regionais brasileiros*. (Tese de Doutorado) Campinas, SP: [s.n.], 2006.
- CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. Variable Rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n. 2, 1974.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Mass.: MIT Press, 1965.
- CLEMENTS, G. N. *Place of articulation in consonants and vowels: a Unified Theory*. Apresentado na North east Linguistic Society 21, UQAM, Montreal. In: *Working Papers of the Cornell Phonetic Laboratory*, v. 5, p. 77-123, 1991.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- FREIRE, J. B. *Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)*. Dissertação de Mestrado em Linguística. UFPB: 2013.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: um instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CAMPOY, J. M. H.; ALMEIDA, M. *Metodología de la Investigación Sociolingüística*. Granada: Comares, 2005.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- LABOV, W. The social motivation of sound change. *Word*, n. 19, p. 273-307, 1963.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MEILLET, A. O estado atual dos estudos de linguística geral. In: MEILLET, A. *A evolução das formas gramaticais*. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1906]. p. 37-52.
- MENDES, R. B. Língua e Variação. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013. p. 111-136.
- McCARTHY, Jonh. *OCP effects: Gemination and antigemination*. Linguistic Inquiry, Cambridge, Mass., v. 17, n. 2, p. 207-263, 1986.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X*. Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto. Disponível em: http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm, 2005.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SILVA, R. V. M. e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. (Tradução de Celso Cunha). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1980] 2007.
- WARDHAUGH, R. *An Introduction to Sociolinguistic*. 6th ed. Wiley-Blackwell, 2010.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- WETZELS, L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 2, p. 01-20, 2000.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. (Tradução de Antônio Houaiss). 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília, 1973.